

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Márjorie Moreno Silva

**ARTICULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ENTRE PSICANÁLISE E
NEUROCIÊNCIAS: SOBRE MEMÓRIA.**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO HUMANA E SAÚDE

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Márjorie Moreno Silva

**ARTICULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ENTRE PSICANÁLISE E
NEUROCIÊNCIAS: SOBRE MEMÓRIA.**

Mestrado em Comunicação Humana e Saúde

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação Humana e Saúde, na linha de pesquisa de Linguagem, Corpo e Psiquismo, sob orientação da Profa. Dra. Maria Claudia Cunha.

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO HUMANA E SAÚDE

Coordenadora do Curso de Pós-Graduação

Prof^a. Dr^a. Maria Claudia Cunha

Márjorie Moreno Silva

ARTICULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ENTRE PSICANÁLISE E
NEUROCIÊNCIAS: SOBRE MEMÓRIA.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Claudia Cunha

Prof. Dr. Luiz Augusto de Paula Souza

Prof^a. Dr^a. Fernanda Prada Machado

Aprovado em: ____/____/____

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de
Financiamento 001 – 88887.966652/2024-00.

AGRADECIMENTOS

Este é um sonho tecido por tantas mãos que se torna impossível não dedicar este espaço aos meus professores, que atravessam a minha trajetória com afeto e muito conhecimento. À primeira deles, minha mãe, que me ensinou o "beabá" da vida, e que, para além disso, me concedeu a honra de ser sua aluna, em aulas sempre repletas de dedicação e maestria.

Aos meus queridos mestres e doutores da faculdade, em Vitória da Conquista-Bahia, e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Humana e Saúde da PUC-SP, cuja paixão pelo ensino ardeu fundo em mim, ao ponto de gravá-los para sempre como inspiração em meu coração e memória.

Ao meu irmão, que, em seu jeito único, me ensina a importância de jamais esquecer dos meus sonhos e de quem sou. Ao meu esposo, que, com a sabedoria dos que sabem ver o essencial, me ensina a manter os pés firmes, sempre com perseverança para seguir em frente. À Rafaelle, minha irmã de alma, cuja amizade é um presente raro, sempre ensinou a enxergar força em momentos de fragilidade e insegurança.

E àquela que caminhou comigo quase diariamente, minha orientadora Maria Cláudia Cunha. Foi ela quem me ensinou o valor de caminhar descalça em estradas desconhecidas, de ver na escuta e na linguagem - em todas as suas instâncias - o alicerce de tudo.

Todas essas paixões que me moldaram até aqui fazem ainda mais intenso o meu desejo de um dia ser uma grande pesquisadora e docente, e alcançar a mesma admiração que sinto por cada um de vocês. Com gratidão profunda, celebro o fim deste ciclo.

Aproveito também para agradecer imensamente à banca, na figura do Prof. Dr. Luiz Augusto de Paula Souza e a Prof^{ra}. Dr^a. Fernanda Prada Machado que me direcionaram com muito saber e cuidado, desde a qualificação, possibilitando discussões profundas e valiosas para a construção desta dissertação. Tê-los enquanto banca de defesa, é uma grande honra para a minha formação.

À Virgínia, secretária do Programa de Comunicação Humana e Saúde, pela sua paciência, atenção e pelos direcionamentos frente aos fazeres burocráticos deste processo, gratidão!

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, tornando viável a concretização desta pesquisa.

RESUMO

A psicanálise considera o corpo como um arquivo de narrativas biográficas, enquanto as neurociências veem o cérebro como um sistema complexo que molda nossas emoções e comportamentos. Ambas as abordagens exploram o conceito de memória. Para as neurociências, ela é categorizada em implícita e explícita, e subcategorizada em ambas as categorias. Na abordagem psicanalítica, a memória desempenha um papel fundamental na assimilação de percepções e experiências progressas, moldando a personalidade do indivíduo.

Objetivo: analisar as articulações teórico-metodológicas entre a psicanálise e as neurociências, sobre memória. **Método:** Pesquisa de natureza qualitativa, dedutiva, ilustrada por meio dos fragmentos de casos clínicos múltiplos. **Casuística:** foi caracterizada por amostra ampla e variada de fragmentos da memória clínica de casos atendidos pela pesquisadora nos últimos 05 anos. **Critérios de seleção:** Os fragmentos clínicos foram selecionados a partir da memória da própria pesquisadora, considerando os atendimentos de pacientes na faixa etária de 18 a 50 anos, independente do sexo, que exemplificassem o conceito de memória na interface entre psicanálise e neurociências. **Procedimento:** Etapa 1: Foram criadas categorias teórico-metodológicas sobre o conceito de memória nas neurociências e na psicanálise a partir dos resultados da pesquisa bibliográfica. Etapa 2: A partir do acesso aos registros de memórias dos atendimentos clínicos da pesquisadora, um diário de pesquisa foi elaborado, contendo os fragmentos clínicos pertinentes ao objetivo do estudo. Etapa 3: As categorias definidas na Etapa 1 foram correlacionadas com os fragmentos clínicos pertinentes. A análise dos resultados foi conduzida por meio da comparação dos fragmentos clínicos intra e inter as categorias previamente estabelecidas. **Resultados:** Os conteúdos convergentes envolvem a articulação dos conceitos de consciência, memória explícita, inconsciente, memória implícita, traços mnêmicos e plasticidade sináptica. Por outro lado, os conteúdos divergentes surgem em relação aos conceitos de extinção, repressão, memória de longo prazo e pré-consciente. Já os conteúdos específicos são evidenciados pelos conceitos de transferência, memória operacional e os processos de recuperação e armazenamento de memória. **Conclusão:** A articulação teórico-metodológica sobre a memória sugere certa complementariedade entre os dois campos de conhecimento, na medida em que se constatou que os conteúdos convergentes prevaleceram; quantitativamente e qualitativamente. Assim, conteúdos relevantes para a prática clínica no campo da saúde foram constatados, promovendo um entendimento sobre a memória a partir das perspectivas psicanalítica e neurocientífica.

Descritores: Psicanálise; Neurociências; Memória.

ABSTRACT

Psychoanalysis considers the body as an archive of biographical narratives, while neuroscience views the brain as a complex system that shapes our emotions and behaviors. Both approaches explore the concept of memory. For neuroscience, memory is categorized into implicit and explicit, with subdivisions within each category. In the psychoanalytic approach, memory plays a fundamental role in the assimilation of past perceptions and experiences, shaping the individual's personality. **Objective:** to analyze the theoretical-methodological intersections between psychoanalysis and neuroscience on memory. **Method:** Qualitative, deductive research, illustrated through fragments from multiple clinical cases. **Case Sample:** Characterized by a broad and varied sample of clinical memory fragments from cases attended by the researcher over the past five years. **Selection Criteria:** Clinical fragments were selected based on the researcher's own memory, considering patients aged 18 to 50 years, regardless of gender, exemplifying the concept of memory at the interface between psychoanalysis and neuroscience. **Procedure:** Step 1: Theoretical-methodological categories on the concept of memory in neuroscience and psychoanalysis were created based on the results of the literature review. Step 2: Through access to the memory records of the researcher's clinical consultations, a research diary was prepared, containing clinical fragments relevant to the study objective. Step 3: The categories defined in Step 1 were correlated with the relevant clinical fragments. The analysis of results was conducted by comparing clinical fragments within and across the previously established categories. **Results:** Convergent content involves the articulation of the concepts of consciousness, explicit memory, the unconscious, implicit memory, mnemonic traces, and synaptic plasticity. Divergent content, on the other hand, arises in relation to the concepts of extinction, repression, long-term memory, and the preconscious. Specific content is evidenced by the concepts of transference, working memory, and memory retrieval and storage processes. **Conclusion:** The theoretical-methodological articulation on memory suggests a certain complementarity between the two fields of knowledge, as convergent content was found to prevail both quantitatively and qualitatively. Thus, relevant content for clinical practice in the health field was observed, promoting an understanding of memory from psychoanalytic and neuroscientific perspectives.

Descriptors: Psychoanalysis; Neuroscience; Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: O DEBATE ENTRE PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS	12
CAPÍTULO 2: CAMINHOS DA MEMÓRIA NA PSICANÁLISE	14
CAPÍTULO 3: NEUROCIÊNCIAS DA MEMÓRIA E DAS “MEMÓRIAS”	19
MÉTODO.....	23
RESULTADOS E DISCURSSÃO	25
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Nas neurociências, o cérebro é reconhecido como um sistema complexo que influencia nossas emoções e comportamentos (SOLLERO-DE-CAMPOS, M. 2009). Essa complexidade se estende ao conceito de memória que, segundo o neurocientista Ivan Izquierdo (2018), é subcategorizada em memória implícita e memória explícita.

Ainda segundo o autor, as memórias implícitas são compostas por recordações sensoriais, motoras e emocionais que não podem ser evocadas conscientemente; ou seja, não são passíveis de serem verbalizadas. Essas memórias abrangem desde sensações simples, como toques e odores, até ações complexas, como andar de bicicleta ou dirigir um carro (IZQUIERDO, I. 2018). Por outro lado, o autor afirma que as memórias explícitas (ou declarativas) podem chegar à consciência e serem verbalizadas, envolvendo a recordação de fatos e experiências passadas. Por exemplo, lembrar o nome de uma pessoa ou recordar um evento específico da infância.

Na psicanálise, por sua vez, o corpo é concebido como um repositório dinâmico de narrativas biográficas. Nessa perspectiva, Freud (1895) introduziu o conceito de memória como intrínseco à habilidade do aparelho psíquico em assimilar novas percepções de forma ilimitada, por meio de sistemas perceptivos e mnêmicos. A propósito, Ribeiro Junior e Silva (2021) destacam a conexão entre a memória e os traços mnêmicos duradouros, que se referem a representações mentais das experiências passadas que podem ser remodeladas conforme as necessidades e transformações individuais.

Destaca-se, no debate sobre o tema na interface neurociências e psicanálise, as formulações apresentadas por Sollero-de-Campos (2009): a memória implícita é descrita como predominantemente inconsciente. Segundo a autora, o sentimento como o de tristeza "sem razão" está associado a conteúdos que não alcançaram a consciência, embora o sentimento em si seja reconhecido. Isso ocorre devido às pistas implícitas presentes no ambiente, como por exemplo um odor, um toque e/ou uma música. Por outro lado, a memória explícita, de acordo com a autora, é aquela passível de ser simbolizada, ou seja, verbalizada. É esse tipo de memória que predomina, por exemplo, no *setting* terapêutico.

Cabe aqui introduzir algumas considerações sobre as relações entre corpo e psiquismo.

Freud (1895/1974) destacou de forma explícita que o ego possui uma natureza primordialmente corpórea. Portanto, todas as nossas experiências e trajetórias, assim como nosso destino, inevitavelmente se manifestarão tanto em nossa mente quanto em nosso corpo. Assim, destaca-se que a diferenciação essencial do ser humano em relação aos animais está ligada a elementos existenciais como a mente, os sintomas, a linguagem e a cultura. Esses aspectos formam um universo simbólico que molda a vivência humana (ÁVILA, C. 2019).

É dessa forma que as articulações entre o corpo biológico e a mente podem ser identificadas desde o pensamento freudiano. Freud (1923/1974) acreditava que o psiquismo humano era influenciado pelas experiências e interações com o ambiente. Para ele, a atividade do aparelho psíquico está em constante interação com o meio externo e interno; explorando como experiências passadas moldam a mente e a formação da personalidade. Essa abordagem permitiu compreender os processos psíquicos e a importância do inconsciente na determinação dos comportamentos e emoções.

Em seu "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895/1974), Freud propôs três sistemas neurais (Sensorial, Perceptual-Consciente e Inconsciente), fundamentando sua teoria sobre funcionamento mental e processos psicológicos inconscientes. Esses sistemas possibilitaram o estabelecimento de importantes conexões com as pesquisas neurocientíficas do século XX, apontam Ferreira et al. (2019).

Nessa direção, vale citar autores da psicanálise contemporânea. A ideia de "corpo pensante" proposta pela psicanalista Monah Winograd (2007) sugere uma perspectiva integrada e holística da relação entre corpo e a mente. Ela defende que o corpo não é simplesmente um veículo passivo que abriga a mente, mas é ativo e influente no processo de pensamento e na formação da consciência.

Os psicanalistas Pinheiro e Herzog (2017) reforçam a premissa de que corpo e mente coexistem em um mundo físico. Eles ressaltam a importância de estudar os sintomas, suas manifestações e interações com o ambiente para uma compreensão científica da articulação entre a gênese e a subjetividade. Além disso, os autores enfatizam a relevância de adotar uma perspectiva integrativa que una os aspectos biológicos e psíquicos na análise dos fenômenos mentais e comportamentais, promovendo uma compreensão mais abrangente do funcionamento humano.

Por sua vez, o estudo de Ferreira et al. (2019), propõe que as neurociências e a psicanálise, apesar das abordagens distintas, podem integrar-se para aprofundar a compreensão da mente humana. Os autores enfatizam a necessidade de uma abordagem interdisciplinar no estudo do comportamento humano, reconhecendo que a psicanálise e as neurociências podem oferecer perspectivas complementares em vez de opostas. Nesse contexto, o trabalho de Vilani e Port (2018) traz uma reflexão acerca da prática clínica, destacando que a intersecção entre os dois campos de conhecimento proporciona uma visão humanizada do indivíduo, considerando tanto os aspectos biológicos quanto psíquicos.

A neurocientista Laurentino (2022) ressalta que a neurociência, por si só, ainda não possui ferramentas suficientes para responder a todas as questões relacionadas à compreensão dos processos mentais e dos comportamentos complexos que emergem do aparato mental. Por essa razão, ela defende a importância de estabelecer uma relação com outras ciências, como a psicanálise. Em sua investigação sobre a teoria freudiana, Laurentino (2022) enfatiza a influência da energia psíquica sobre a consciência, assim como nas respostas cognitivas e emocionais, podendo ativar e alterar os circuitos neurais. Isso, segundo a autora, é devido a conexão entre o psiquismo e o funcionamento cerebral. No entanto, reconhecer o cérebro como um fator fundamental para o psiquismo não implica que compreender apenas seu funcionamento seja suficiente para abarcar a complexidade da mente, já que essa é uma interação complexa e multifacetada (CÂNDIDO, A.; WINOGRAD, M. 2009).

Nesse cenário de estudos sobre as possíveis articulações entre Psicanálise e Neurociências, António Damásio (2020) propõe uma reflexão oportuna e pertinente ao tema do presente estudo, a saber: a interação entre o corpo e a mente ocorre por meio da memória, uma vez que as experiências vividas são armazenadas como memórias que influenciam diretamente a forma como percebemos e respondemos ao mundo ao nosso redor.

A partir dessas considerações preliminares, esse estudo propõe reflexões sobre os conceitos de memória a partir do seguinte **objetivo**: analisar as possíveis articulações teórico-metodológicas entre a psicanálise e as neurociências sobre memória.

CAPÍTULO 1: O DEBATE ENTRE PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS

O debate psicanálise-neurociências parte de elementos retóricos que se estruturam na oposição humanismo *versus* cientificismo ou no contraste delineado entre as especulações teóricas e o conhecimento científico (MANTILLA, G. 2017). Granwell (2018) revela que, após a Revolução Francesa, os reformistas sociais do século XIX na França e na Inglaterra foram os primeiros a expressar a visão do positivismo, que valoriza a ciência como a única fonte de conhecimento válido. Com o tempo, o debate filosófico foi sendo substituído pelo método científico, no qual uma teoria só era confirmada se pudesse prever resultados observáveis.

Mantilla (2017), corrobora destacando que essa discussão se desdobra em dois aspectos fundamentais. Por um lado, o humanismo que se destaca pela valorização da experiência subjetiva, como enfatizado na psicanálise, contrastando-se com o enfoque científico, que se dedica a compreender os mecanismos cerebrais. Adicionalmente, a autora afirma que neste debate, a ciência é vista como uma ferramenta para acessar a verdadeira natureza do ser humano e intervir de forma eficaz no sofrimento. Nessa perspectiva, a crítica principal à psicanálise, apresentada pela autora, é sua falta de cientificidade, em contraste com a validade e eficácia atribuídas ao conhecimento científico.

Por sua vez, Granwell (2018) afirma que Freud empenhou-se incansavelmente em estabelecer a psicanálise como uma ciência tão rigorosa como qualquer outra, pelo menos em relação aos objetivos e métodos empregados. Freud vai definir a psicanálise como:

(1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1923/1976, p. 287).

Apesar das aparências contrárias, Freud seguiu fielmente os princípios científicos de seu orientador, Ernst Wilhelm von Brücke, renomado médico e fisiologista do século XIX. Brücke defendia uma ciência médica fundamentada em princípios físicos e químicos. Freud, comprometido com essa visão, fez um juramento solene nesse sentido, onde ressalta que nenhum outro tipo de força, além das comuns físicas e químicas, atua no organismo, e que quando não podemos explicar certos fenômenos com essas forças, é necessário encontrar métodos físico-matemáticos específicos ou considerar a existência

de novas forças que sejam redutíveis às forças de atração e repulsão (GRANWELL, 2018).

Yasaku (2006) destaca que além de notável domínio das humanidades, Freud também se beneficiou de um profundo conhecimento e entendimento no campo da biologia e da neurologia, aspectos muitas vezes negligenciados pelo establishment¹ psicanalítico. Segundo o autor, devido os paradigmas racionalistas derivados da dicotomia cartesiana mente-corpo, os psicanalistas frequentemente ignoraram a riqueza dessas evidências. No campo da biologia, a concepção cartesiana do dualismo entre mente e corpo, consideradas entidades separadas - o corpo físico e a mente imaterial - tornou-se obsoleta. Em seu lugar, passou a prevalecer o entendimento monista de que mente e corpo coexistem no mundo físico (PINHEIRO, M.; HERZOG, D. 2017).

Partindo do princípio não-reducionista, os neurocientistas contemporâneos como Eric Kandel (2006), António Damásio (1994), Jaak Panksepp (1998) e Mark Solms (2002) estabelecem em seus estudos, conexões sobre o funcionamento cerebral, os fenômenos mentais e os princípios da psicanálise. Ávila (2019), destaca que a psicanálise, por meio da Associação Internacional de Neuropsicanálise, fundada por Mark Solms, tem proporcionado estudos que abordem a interseção com a neurociências. O principal desafio dessa abordagem é preservar a singularidade de cada disciplina, enquanto se trabalha para desenvolver um campo que naturalmente se apresenta como um espaço de colaboração mútua (SOLMS, M.2005).

¹ "establishment psicanalítico" se refere à comunidade de psicanalistas reconhecidos e instituições estabelecidas que exercem autoridade e influência no campo da psicanálise (GRANWELL, J. 2018).

CAPÍTULO 2: CAMINHOS DA MEMÓRIA NA PSICANÁLISE

Nos primeiros escritos metapsicológicos de Freud em 1895, ele postula que o aparelho psíquico é um aparelho de memória. Essa noção é reforçada no Projeto de uma psicologia científica, uma obra que só veio a público postumamente. Nela, Freud (1895) descreve o funcionamento psíquico em termos neurofisiológicos, baseando-se em dois conceitos fundamentais: o neurônio e a quantidade de energia. Freud aborda as barreiras de contato entre os neurônios para discutir a condução da excitação entre eles, destacando uma propriedade essencial que deve ser considerada em relação ao tecido nervoso:

“uma característica principal do tecido nervoso é a memória, isto é, em termos bastante genéricos, a capacidade de ser alterado permanentemente por processos únicos, o que dá um contraste muito acentuado com o comportamento de uma matéria que deixa passar um movimento ondulatório e a seguir retorna ao estado inicial. Uma teoria psicológica de alguma relevância tem de fornecer uma explicação da *memória*” (Freud, 1895/1974, p. 178).

Freud expressa inicialmente seu interesse em localizar as funções e processos neuropsíquicos, incluindo a memória, no córtex cerebral e nas conexões neuronais. Esses achados foram fundamentais para a evolução da psicanálise, que passou a se dedicar à compreensão das transformações duradouras do psiquismo decorrentes das experiências vivenciadas. Assim, Freud introduziu a noção de "marcas mnêmicas", posteriormente desenvolvida em sua primeira teoria do aparelho psíquico em 1900 (ENDO, r. 2018).

Os traços mnêmicos, ou simplesmente traços de memória, denotam a forma como os eventos são registrados na memória. Segundo Freud, esses traços permanecem latentes de maneira contínua, sendo reativados somente quando são investidos por energia psíquica. Essa habilidade mnemônica, que abarca a capacidade de recordação e armazenamento de informações, é uma característica central de um aparato psíquico concebido como uma estrutura destinada a regular os estímulos que influenciam o psíquico, sejam eles externos - dos quais o organismo pode se distanciar - ou internos, subsequentemente referidos como pulsões [Triebe] (FREUD, S.1915).

Para Freud (1915), as pulsões, como impulsos internos que influenciam o comportamento humano, não podem ser plenamente representadas na mente consciente. Ao invés disso, elas se manifestam na psique por meio de representantes, que são símbolos ou imagens. O registro desses representantes ocorre em regiões do aparato psíquico, em instâncias denominadas de sistemas, dotados de propriedades distintas, signos perceptuais (conscientes), inconscientes e pré-conscientes (FERRARINI, R.; MAGALHÃES, C.

2014). Silveira (2013) sustenta a ideia de que as instâncias consciente e pré-consciente são ocasionalmente mencionadas em conjunto, sugerindo a existência de um único sistema chamado "pré-consciente consciente".

No domínio do inconsciente (Ics), os conteúdos são carregados de investimento que variam em intensidade, sujeitos a movimentação por meio dos processos de "deslocamento" e "condensação". Os processos do Ics são atemporais e não dependem da realidade externa, ocorrendo uma substituição pela realidade psíquica. Por outro lado, o pré-consciente (Pcs), segundo Freud, também é composto por representações ideacionais, entretanto, mantêm uma sequência temporal nos conteúdos e podem induzir censuras. Embora apresentem características distintas, a transição de um registro do Ics para o Pcs não implica em um novo registro, mas sim em uma mudança funcional do estado (FREUD, S. 1996).

O aparelho psíquico é dotado de uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções, registrando permanentemente traços mnêmicos delas, ainda que sujeitos a alterações (FREUD, 1925/1996). Freud (1925) descreve a divisão do processo de captação e armazenamento das percepções em dois sistemas: o sistema perceptivo (Pcpt.), que recebe os estímulos sensoriais e fornece à consciência a diversidade das qualidades sensoriais, e o sistema mnêmico possui a função de transformar as excitações momentâneas em traços permanentes na memória.

Esses traços mnêmicos, também chamados de traços de lembrança, são modificações permanentes dos elementos dos sistemas e são responsáveis por registrar permanentemente um acontecimento psíquico na memória e manter associações. Embora as percepções estejam conectadas na memória, elas podem tornar-se conscientes ou produzir efeitos quando em estado inconsciente (FERRARINI, R.; MAGALHÃES, C. 2014). Assim, pode-se compreender o aparelho psíquico como, na verdade, um aparelho de memória e linguagem. Esta concepção pode ser elaborada com base no princípio de que o aparelho psíquico é formado por traços mnêmicos, nos quais a memória pode ser equiparada a um texto a ser interpretado, resultado de uma escrita que ocorre na condição de reminiscência (FARIAS, M. 2008).

Freud, em seu trabalho "Nota sobre o bloco mágico" (1925), revisita a concepção de que as experiências deixam traços mnêmicos permanentes, que podem ser reorganizados e modificados. Ele utiliza a metáfora do bloco mágico para ilustrar esse processo, no qual

as marcas deixadas podem ser apagadas da superfície, mas as impressões permanentes permanecem. Essas memórias podem ser alteradas ao longo do tempo, mas não são apagadas, podendo coexistir e se sobrepor a novas memórias. Isso reforça a ideia de que a memória reside no domínio do inconsciente, sendo composta por traços não diretamente acessíveis à consciência, cuja percepção consciente é uma representação desses traços (RIBEIRO JÚNIOR, J.; SILVA, A. 2021).

Na Carta 52 (1896/1950), enviada por Freud a Fliess, em 1896, o autor discute a complexidade da memória, descrevendo-a como múltipla, sendo estabelecida em diferentes tipos de signos. Freud delinea a existência de pelo menos três tipos de registros além das percepções, fornecendo uma síntese concisa de cada um:

“W [Wahrnehmungen (percepções)] são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. E isso porque a *consciência e a memória são mutuamente exclusivas*.

Wz [Wahrnehmungszeichen (indicação da percepção)] é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações por simultaneidade.

Ub [Unbewusstsein (inconsciência)] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente inacessível à consciência.

Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)] é o terceiro registro, ligado à representação de palavra e correspondente a nosso ego oficial. As catexias provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa *consciência secundária do pensamento* é posterior no tempo e, provavelmente, está ligada à ativação alucinatória das representações da palavra, de modo que os neurônios da consciência sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos.” (FREUD, S. 1896/1950, p. 209)

O autor apresenta o funcionamento aparelho de memória no trecho acima citado, demonstrando a maneira com que se dá o registro do material psíquico. Para os autores Ribeiro Júnior e Silva (2021), Freud concebe a memória como algo que não replica fielmente as percepções originais, mas sim é suscetível a reorganizações dos traços mnêmicos ao longo do tempo. No cerne da memória reside a interação entre os sinais que deixam suas marcas na psique e o rearranjo desses traços, influenciados pelas relações do sujeito com o mundo e com os outros. Assim, as lembranças resultantes não necessariamente refletem a experiência original em sua totalidade (RIBEIRO JÚNIOR, J.; SILVA, A. 2021).

A teorização de Freud sobre os mecanismos da memória é construída com base na premissa de uma aplicabilidade prática, visando dispor de um modelo para orientar a clínica. Dessa forma, Ferrarini e Magalhães (2014) afirmam que o processo psicanalítico

tem como foco as relações entre as lembranças e os esquecimentos. Endo (2018), corrobora ao dizer que a memória não deve ser concebida meramente como um reservatório passivo, mas sim como uma força dinâmica regida por suas próprias leis. Essa força pode tanto dificultar a recuperação da informação, como no fenômeno do esquecimento, quanto bloqueá-la, como no caso da repressão. Contudo, também pode ser influenciada pela inteligência, pela vontade ou por uma nova demanda situacional, possibilitando uma reorganização das lembranças.

Freud, em suas obras de 1898 e 1899, sustenta que o processo de esquecimento é influenciado por uma gama de fatores, incluindo a constituição psíquica do indivíduo, a intensidade da impressão no sistema, o esforço de recordação e o estado psíquico presente, entre outros. Ele argumenta que esse processo é permeado pela tríade recalque-resistência-deslocamento e que cada ato de esquecimento está vinculado à evitação do desprazer. Farias (2008) destaca que Freud apresenta diversas formas de operacionalização do esquecimento. Ele as categoriza em: a) o recalque original, responsável pela formação de representações fixas e não verbalizáveis; b) os recalques experimentados ao longo da vida do indivíduo, flexíveis e sujeitos à rememoração; c) as amnésias infantis, que surgem durante o período edípico e limitam a recordação dos primeiros anos de vida; e d) as "lembranças encobridoras", consideradas irrelevantes, que conectam seu conteúdo ao de outras lembranças que buscam substituir. Suas fontes diretas não são necessariamente o esquecimento, mas a omissão de um evento retido na memória.

Em seu texto, intitulado "Recordar, repetir e elaborar", Freud investiga a dinâmica entre lembrança e esquecimento, considerando-as fundamentais para o tratamento psicanalítico. Neste processo, o autor explora os elementos inconscientes que influenciam a memória, introduzindo o conceito de "repetição" (FREUD, S. 1914/1996). Segundo Ribeiro Junior e Silva (2021), Freud associa a repetição a um comportamento intrinsecamente ligado ao processo de recalque. Ele sugere que certas experiências vivenciadas pelo indivíduo têm o potencial de deixar marcas duradouras em seu psiquismo, constituindo traços de memória. Em outras palavras, Freud concebe a repetição como a reencenação de eventos traumáticos ou padrões de comportamento, muitas vezes sem uma compreensão consciente dos motivos subjacentes (FERRARINI, R.; MAGALHÃES, C. 2014).

Conforme observado por Ferrarini e Magalhães (2014), os conteúdos repetitivos englobam todas as inibições, traços patológicos e sintomas, destacando que quanto maior

a resistência, mais profundamente a repetição substituirá o processo de recordação. Freud (1914) introduz em seu trabalho os estudos sobre as memórias, enfatizando sua centralidade na elaboração dos traços. Para o autor, esse processo não se manifesta de maneira espontânea, mas exige investimento e esforço deliberado para superar as resistências internas do indivíduo em relação aos seus próprios desejos. Isso resulta na tradução dos traços em narrativas elaboradas, permitindo ao sujeito situar-se e compreender suas interações com os outros que lhe atravessam (RIBEIRO JUNIOR, J.; SILVA, A. 2021).

Freud (1914) destaca que é no exercício da transferência que proporcionará ao analisando a capacidade de executar a elaboração. Endo (2018) argumenta que durante o tratamento, é crucial reconhecer que tudo o que é lembrado pode e deve ser reinterpretado à luz de uma nova perspectiva de escuta. Ele destaca que esse processo emerge da habilidade de ouvir a verdade do inconsciente do paciente, concebendo a memória não apenas como um ato de memorização, mas como uma forma de recordação, testemunho e busca pela verdade.

Adicionalmente, o autor ressalta que os sonhos, enquanto manifestações do inconsciente, desempenham um papel central na investigação da memória, oferecendo uma visão única das operações da mente para além dos limites da consciência. Em muitos casos, os sonhos são esquecidos ou lembrados de forma vaga, continuando a representar um aspecto desafiador para a compreensão na psicanálise. No mundo dos sonhos, a fronteira entre realidade e fantasia se dissolve, permitindo que o verdadeiro e o falso coexistam, eventos ocorram e não ocorram, e lembranças sejam retidas ou perdidas. Esse panorama complexo revela uma interação intrincada entre memória, desejo e consciência (ENDO, R. 2018).

CAPÍTULO 3: NEUROCIÊNCIAS DA MEMÓRIA E DAS “MEMÓRIAS”

A memória, na perspectiva neurocientífica, se refere à capacidade de obter, conservar, armazenar e consolidar estímulos ou informações. Essa função considerada complexa, possibilita que os indivíduos se percebam como únicos, constituídos tanto pela lembrança quanto pelo esquecimento (IZQUIERDO, I. 2018). É justamente por essa razão que a memória é considerada um dos processos psicológicos mais importantes, principalmente por ser responsável pelo funcionamento cotidiano e pela identidade pessoal (MOURÃO, C.A.; FARIA, N.C. 2015).

Izquierdo (2018), neurocientista e pesquisador da área de memória, destaca que a memória humana se assemelha à dos demais mamíferos no que se refere aos mecanismos fundamentais, tais como as áreas nervosas e as moléculas envolvidas no processo. No entanto, o autor (2018) ressalta que as diferenças se referem ao seu conteúdo, exemplificando que os seres humanos utilizam a linguagem para adquirir, codificar, armazenar e evocar memórias.

Segundo Genova (2021), a memória origina-se das mudanças duradouras na arquitetura neural em resposta às experiências, viabilizando a revivência por meio da ativação de circuitos neurais interligados. O processo envolve quatro etapas: 1) *Codificação*, que envolve a captura e tradução das informações e estímulos em linguagem neurológica; 2) *Consolidação*, que estabiliza e transforma memórias recém-adquiridas em representações neurais duradouras; 3) *Armazenamento*, fase que sustenta e organiza as memórias consolidadas ao longo do tempo mediante transformações químicas e estruturais; e 4) *Recuperação*, engloba a ativação das conexões para recordar e reconhecer o que foi aprendido ou vivenciado.

Izquierdo (2018) considera que existem memórias que são adquiridas em segundos (como a lembrança de colocar o dedo na tomada ou do cheiro de um perfume), outras em semanas (como o aprender a andar de bicicleta), outras em anos (como os conhecimentos que envolvem uma profissão). Algumas são visuais (como as lembranças da casa da infância), outras olfativas (o perfume) ou completamente musculares (o andar de bicicleta).

Segundo o autor, os diferentes tipos de memória envolvem mecanismos neurais distintos e são influenciados por variados componentes emocionais. Por essa razão, ele ressalta que o termo "memória" se refere de forma geral à função de adquirir, armazenar e

recuperar informações. Em contraste, o termo "memórias" é utilizado para se referir a cada tipo específico de memória, refletindo as suas características e processos distintos (IZQUIERDO, I. 2018).

Com base nesse pressuposto, a memória pode ser classificada de duas maneiras: segundo seu conteúdo, distinguindo-se entre memórias explícitas (ou declarativas) e memórias implícitas (ou procedurais); e conforme sua duração, dividindo-se em memória de longo prazo e de curto prazo (PEREIRA, R.C. et al., 2020). Além dessas, Izquierdo (2018) apresenta em seus estudos que a memória também pode ser classificada de acordo a sua função, destacando a memória de trabalho (ou memória operacional), que se diferencia das demais por não deixar traços ou registros, sendo assim considerada de memória “on-line”.

As memórias explícitas, acessíveis e adquiridas com plena intervenção da consciência e são passíveis de serem declaradas. Essas subdividem-se em dois tipos: a memória episódica ou autobiográfica, que é responsável pelo registro de fatos e eventos pessoais; e a memória semântica, que armazena conhecimentos gerais, como significados de palavras, símbolos, números, idioma, entre outros (IZQUIERDO, I. 2018).

Pereira, et al., (2020), destaca que a memória explícita exerce uma influência importante na maneira com que se percebe o mundo, bem como durante as tomadas de decisões. Os autores destacam que a memória explícita assume um papel adaptativo, principalmente diante de experiências negativas anteriores, ou seja, a informação torna-se um “gatilho” e é evocada com precisão e rapidez para evitar uma nova experiência negativa (PEREIRA, R.C. et al., 2020).

Adicionalmente, os autores Mourão e Abramov (2011), abordam que o aspecto adaptativo da memória explícita está associada a capacidade de esquecimento e extinção. Este processo está relacionado a economia de sinapses e otimização de informações no córtex cerebral. Desta maneira, os autores destacam que “tão importante quanto conseguir memorizar é conseguir esquecer”. Izquierdo (2018) questiona: Qual seria a nossa relação com nossas mães se constantemente lembrássemos de todas as vezes que ela disse “não” com impaciência? O autor destaca que, além do esquecimento, existem a habituação e a extinção. Esses processos podem ser reversíveis e são considerados memórias suprimidas.

No que se refere a localização, Izquierdo (2018) destaca que as principais estruturas responsáveis pelas memórias declarativas episódicas e semânticas são: o hipocampo e o

córtex entorrinal, duas áreas que se intercomunicam entre si e com outras áreas do córtex. Contudo, o autor ressalta que uma das áreas moduladoras da formação dessas memórias é a amígdala, principalmente quando associado a componentes emocionais. As emoções intensas tendem a atuar como catalisadores, facilitando a consolidação de memórias, tornando-as mais vívidas e acessíveis. Como observa a neurocientista Lisa Genova (2021) “já se questionou o porquê lembramos do primeiro beijo e não do décimo?”. Essa pergunta destaca como experiências emocionais marcantes tendem a ficarem gravadas na memória.

Mourão e Faria (2015), apontam que as memórias implícitas ou procedurais atuam em nível subconsciente e não estão associadas a processos intelectivos; ou seja, funcionam de forma automática. Adicionalmente os autores Pereira, et al., (2020) exemplificam que memória implícita envolve desde a memória inata (como um susto ao se ouvir um barulho muito alto) até reflexos condicionados, ou padrões motores aprendidos (andar de bicicleta, tocar um piano). São memórias adquiridas de maneira implícita e consideradas difíceis ou impossíveis de serem descritas e esquecidas (IZIQUIERDO, I. 2018).

De acordo com Pereira, et al., (2020), a memória de longo prazo ou memória remota, relaciona-se ao armazenamento de informações duradouras ou por um período prolongado, que podem durar horas, dias ou décadas. Suas características envolvem a capacidade de armazenamento indeterminado e seu tempo de formação, que leva em média, entre três e oito horas. Apesar disso, os autores descrevem que o processo de consolidação da memória de longo prazo pode ser diretamente afetado por agentes externos como aumento excessivo de neurotransmissores causados em uma situação traumática, por exemplo. Outra característica é a ausência de estabilidade, a memória se molda ao longo do tempo e das evocações, ou seja, toda vez que uma memória de longo prazo é evocada, ela é modificada no sistema (PEREIRA, R.C. et al., 2020).

Segundo Izquierdo (2018), denominou-se de memórias de curto prazo aquelas que duram entre 1 e 6 horas, período necessário para a consolidação das memórias de longo prazo. O autor argumenta que a memória de curto prazo e a memória de longo prazo envolvem processos paralelos e, em certa medida, independentes. Embora compartilhem as mesmas estruturas, cada uma delas possui mecanismos são próprios e distintos. Pereira, et al., (2020), explicam que o sistema de armazenamento e processamento do cérebro humano é frequentemente comparado ao de um computador. Nessa analogia o cérebro opera com

base em memórias temporárias (como a memória RAM) e memórias permanentes (como o disco rígido).

Pereira, et al., (2020), destacam que a memória de curto prazo está associada ao armazenamento temporário de pequenas informações. Para os autores, a memória de curto prazo por ser subdivida em memória sensorial e memória de trabalho (operacional). Mourão e Faria (2015) afirmam que a memória sensorial é responsável por reter as informações que chegam por meio dos órgãos do sentido. Apesar de apresentar curtíssima duração, sua capacidade de armazenamento é relativamente maior que a da memória de trabalho. Segundo os autores, apesar dessas características, nem tudo que fica guardado se torna consciente, apresentando dessa forma, um caráter pré-consciente (MOURÃO, A.; FARIA, C. 2015).

Já a memória de trabalho, segundo Pereira, et al., (2020), desempenha a função de processar as informações, determinando as que devem ou não ser armazenadas. Além disso, é responsável pelo gerenciamento dessas informações, possibilitando o raciocínio lógico e a resolução de problemas. Do ponto de vista neurofisiológico, o córtex pré-frontal é a principal região envolvida no processamento e manipulação da informação.

MÉTODO

Pesquisa de natureza qualitativa, dedutiva, ilustrada por meio dos fragmentos de casos clínicos múltiplos. A pesquisa foi devidamente submetida e aprovada pelo comitê de ética, obtendo CAAE 78908224.8.0000.5482 e Parecer 6.800.544.

1. Casuística

Essa pesquisa será caracterizada por uma amostra ampla e variada de fragmentos clínicos de casos atendidos durante a trajetória profissional da pesquisadora como psicóloga e psicanalista.

Crítérios de seleção: Foram baseados a partir da memória clínica da pesquisadora, considerando os atendimentos de pacientes na faixa etária de 18 a 50 anos, independente do sexo; que ilustrem as categorias de análise sobre o(s) conceito(s) de memória na psicanálise e nas neurociências.

2. Procedimento

Etapa 1: Elaboração das categorias teórico-metodológicas de análise

Nesta etapa foi realizada revisão bibliográfica nos campos da psicanálise e das neurociências para estabelecer as categorias teórico-metodológicas de análise. Esse procedimento ocorreu através da identificação e classificação dos conteúdos presentes nas duas perspectivas acerca do conceito de memória, para efeitos de comparação. As categorias foram definidas da seguinte forma:

- Conteúdos convergentes: incluem temas complementares entre as abordagens ou que se relacionem de maneira estreita em ambas as perspectivas.
- Conteúdos divergentes: destacam diferenças significativas entre elas;
- Conteúdos específicos: abrangem aspectos tratados exclusivamente em cada perspectiva.

Etapa 2: Seleção dos fragmentos clínicos

A partir do acesso aos registros de memórias dos atendimentos clínicos da pesquisadora, um diário de pesquisa foi elaborado, contendo os fragmentos clínicos dos casos atendidos pela pesquisadora que fossem pertinentes ao objetivo da pesquisa, ou seja, que ilustrassem de maneira emblemática as categorias estabelecidas na etapa anterior.

Etapa 3: Descrição das correlações entre as categorias e os fragmentos clínicos

Nessa etapa foi realizado a correlação das categorias teóricas encontradas com os fragmentos clínicos selecionados.

3. Critérios de análise dos resultados

A análise dos resultados foi conduzida qualitativamente no interior e entre as categorias previamente estabelecidas, destacando-se em cada uma delas os conteúdos mais relevantes teórica e metodologicamente na abordagem do tema.

RESULTADOS E DISCURSSÃO

1. Conteúdos convergentes:

A memória é reconhecida por sua capacidade de trazer o passado à consciência, mantendo viva as experiências e eventos já vividos. É a ação consciente de recordar que permite a aproximação entre a perspectiva psicanalítica do consciente e neurocientífica da memória explícita. A consciência ocupa um lugar central no processo de elaboração e simbolização de conteúdos psíquicos, sendo muitas vezes compreendida como a parte acessível da mente que se articula com o inconsciente (BOCCHI; VIANA, 2012).

O ato de verbalizar e descrever eventos faz parte da ação conjunta dessas duas esferas. Ambas se aproximam por proporcionarem registros e narrativas que compõe a história e a identidade de cada sujeito, propiciando a manutenção do sentimento de permanência e continuidade do eu. O explícito envolve a capacidade de contato e compartilhamento, ação implicada pela consciência e evocada pela linguagem (SOLLERO-DE-CAMPOS, 2009).

O setting terapêutico oferece um espaço para a evocação explícita e detalhada de eventos passados, carregado da força descritiva envolta de imagem e sentimento, como no relato da jovem que foi internada contra sua vontade devido uso de cannabis aos 16 anos. A memória consciente e explícita é observada pela descrição da dinâmica vivenciada.

O hospital psiquiátrico é quase uma seita, onde as pessoas acreditam fielmente que o fato de permanecer longe e trancado faz parte de um processo de cura. Me lembro perfeitamente de ver a minha mãe sentada em grupos de família, participando de tudo que ofereciam ali, palestras, encontros. Comecei a estranhar o fato de que tudo ocorria longe da gente, falavam por nós, mas nunca nos ouviam. No início, achei legal, me orgulhava em vê-la ali. Mas depois percebi que o discurso que ela estava absorvendo não era sobre cuidado, mas sobre controle.

Da mesma forma, o explícito é visto na descrição do sentimento de dificuldade de um jovem autista em interpretar e se adaptar a comportamentos socialmente esperados pela família.

Me lembro de claramente de todas as vezes em que me vi imitando os autores de novelas só para aprender como se expressar adequadamente. Vivi a adolescência inteira nas sombras de personagens fictícios de televisão para aprender melhor como me comportar diante das situações. Por exemplo, eu ainda não entendo por que expressar felicidade quando se ganha um presente que não gosto. Como sempre me corrigem, sinto que estou sempre errada e perdida, só que dentro de mim mesma.

A intensidade dos sentimentos permite a evocação de um registro vívido do momento, possibilitando acesso ativo a memórias explícitas e conteúdos conscientes.

Em uma certa feita, ao voltar do trabalho, observei um movimento estranho na porta da minha casa. Havia uma roda de pessoas encobrendo alguma coisa, era um movimento tão estranho e tumultuado que não consegui sentir nada até me aproximar. Estranhei que, antes mesmo de ver o meu irmão ali no chão, vestido em sangue, eu não tive reação. Eram tantas vozes que falavam a mesma coisa repetidas vezes, “ele apanhou, foram os rapazes do beco... ele apanhou”. Lembrar desse episódio me faz sentir a mesma angústia da época, assim como ficava todas as vezes em que ele saía.

O inconsciente exerce uma influência profunda sobre a personalidade e os comportamentos do indivíduo, atuando de maneira sutil e frequentemente imperceptível. Essa influência ocorre sem que a pessoa tenha consciência de sua origem ou de seus efeitos, manifestando-se em atitudes, reações emocionais e padrões de pensamento (FREUD, 1915). De maneira análoga, as memórias implícitas, que se referem a lembranças sensoriais, motoras e emocionais, também desempenham um papel fundamental no comportamento humano, sendo ativadas desde o nascimento (IZQUIERDO, 2018).

Tanto o inconsciente quanto as memórias implícitas operam dentro de uma esfera não verbal — o “não dito” — onde sentimentos e emoções emergem de forma autônoma, escapando à razão e ao entendimento consciente. Esses sentimentos podem se manifestar como reações automáticas, muitas vezes difíceis de explicar ou racionalizar.

A repetição de situações em um “mesmo roteiro” indica que o inconsciente tenta revelar questões não resolvidas, utilizando essas experiências como um meio de reprocessamento emocional (FREUD, 1920). A repetição de comportamento e pensamentos fortalece as

sinapses por meio da neuroplasticidade, promovendo a ação automática de determinadas memórias. As reações automáticas e a percepção de que o ciclo se repete, mesmo com as alterações neurais, evidenciam como as memórias implícitas influenciam o comportamento na vida cotidiana (IZQUIERDO, 2010).

Tenho muito medo de tudo que é relacionado a saúde ou a possibilidade de falta dela. Me recordo das inúmeras vezes que precisei assinar papeis para o recebimento de exames e que me tremia inteira, alcançando o estranhamento de quem estava ao lado, ou seja, tudo o que eu mais temia, acontecia. Eu não queria ser vista, eu não quero, mas meu corpo responde como se fosse um alarme de incêndio. Eu não consigo entender por que isso sempre acontece. Sempre...

A experiência de medo intenso ao lidar com questões de saúde estava profundamente ligada a traumas inconsciente, fruto dos múltiplos episódios de adoecimento na família. Com 25 anos de idade, enfrentava a realidade de ter uma mãe com esquizofrenia, o irmão mais velho diagnosticado com câncer e o outro em situação de dependência química. As frequentes idas e vindas a hospitais e clínicas lhe deixaram marcas intensas, resultando em um corpo que, ora desejava se esconder, ora ansiava por ser vista.

Essa luta interna reflete não apenas o medo das situações de saúde, mas também a necessidade de reconhecimento e validação de suas experiências emocionais, criando um ciclo de conflito e tensão entre a exposição e a proteção. Observa-se que o desconforto emocional associado a ação repetitiva evidencia a carga afetiva que o acompanha.

Doenças graves me aproximam da morte. Sei que vou morrer um dia e que perderei novamente as pessoas que eu amo, mas ainda assim, desperdiço minha vida com preocupações, medos e isolamento. É como se eu tivesse morrido antes de aprender a viver. Mas, sei que preciso aproveitar melhor o tempo que tenho.

Por outro lado, esse comportamento pode se manifestar em ações repetitivas em relacionamentos, como no caso da jovem que se via presa num mesmo roteiro.

Apesar de sempre dá certo sair de um relacionamento para outro, tenho a sensação de que as situações se repetem, num mesmo roteiro, só que com personagens diferentes. É como se eu estivesse fixada num boneco de vitrine que, toda vez que se desfaz ou quebra, volto para comprar outro igual.

Nesse contexto, as memórias implícitas, estão conectadas aos conteúdos reprimidos, resultando em comportamentos e reações que ocorrem sem influência intelectual ou consciente. O trauma, por sua vez, gera uma memória inconsciente que influencia pensamentos e comportamentos de modo indireto. Essa experiência ativa a amígdala e o sistema de estresse, criando redes neurais profundas e resistentes ao esquecimento (KOLK, 2014).

Tem certas memórias que aparecem de forma nebulosa, como se fosse uma televisão fora do ar. E, sempre que isso acontece eu sonho com algo estranho. Como nos dias em que preciso conduzir uma reunião, fico nervoso a ponto de sonhar que a minha mãe está me batendo. Nunca entendi o sentido disso, muito menos os motivos que justifiquem a minha ansiedade, mesmo sendo algo que faço a anos.

Nesse aspecto, os sonhos repetitivos são interpretados enquanto manifestações do inconsciente evocadas de forma vaga, refletindo a interação entre a memória traumática de uma mãe que exigia alto desempenho, o desejo reprimido de validação e o comportamento ansioso e repetitivo.

Na clínica psicanalítica, o analista atua como um estímulo implícito possibilitando a evocação de memórias e conteúdos inconscientes do analisando, através de elementos sutis como o tom de voz, o odor, a luminosidade do ambiente e até a disposição dos móveis no consultório. Esses aspectos facilitam o acesso aos conteúdos reprimidos, permitindo que o analisando reviva e elabore experiências passadas. Nesse processo, ao relembrar um evento passado, uma nova rede de associações é formada, resultando em uma experiência inédita que surge da interação entre a memória antiga e a vivência atual junto ao analista (SOLLERO-DE-CAMPOS, 2009).

Posso te perguntar uma coisa? Qual sentido de ouvir sem me ver? As vezes tenho a sensação de estar falando sozinha, como fiz a minha vida inteira. Nunca tive a quem recorrer quando as coisas ficam pesadas. Tive minha juventude roubada, de repente, me vi responsável por toda minha família. E, por mais que sei que nunca é tarde para usufruir da vida, jamais saberei por onde começar.

Os traços mnêmicos – marcas deixadas no psiquismo por experiências anteriores – influenciam o comportamento e a cognição de forma duradoura, ainda que de maneira inconsciente. Essa dinâmica pode ser articulada ao conceito de plasticidade sináptica, conforme explorado pelas neurociências, referindo-se à capacidade de modificações das conexões sinápticas do cérebro em resposta as experiências vividas pelo sujeito (BOCCHI, 2021). Essa interação é evidente em casos de pacientes que, após sofrerem traumas na infância, exibem respostas emocionais intensas na vida adulta quando expostos a determinados estímulos que reativam tais memórias.

Eu me escondo dos meus pais como se tivesse vivido um trauma gigante. É como se eu não pertencesse a família, me sinto puramente brasileiro, diferente deles. Não sei se isso é suficiente para explicar esse sentimento, afinal, tudo que consigo lembrar são de comportamentos bons e permissivos. Por exemplo, o fato de eu gostar de bonecas, em minha memória, nunca foi um problema. Apesar disso, eu não consigo entender o que me impede de me assumir para eles. Não só em questão relacionada a minha sexualidade, parece maior que isso. Não consigo compartilhar meu dia, não tenho coragem de ouvir as músicas que gosto em casa... E, por mais que ache uma grande besteira, pensar sobre isso é sempre uma grande angústia.

A dinâmica do jovem imigrante que rejeita suas origens e sua língua materna exemplifica a interseção entre os traços mnêmicos e a plasticidade cerebral. A negação de sua identidade cultural e linguística pode ser compreendida como uma manifestação de traços mnêmicos, que são as marcas deixadas por experiências passadas, incluindo a vivência de imigração e as expectativas de seus familiares. Essas memórias influenciam diretamente suas reações e comportamentos de forma inconsciente.

Nesse contexto, é relevante a articulação com a plasticidade cerebral, uma vez que o cérebro é capaz de reconfigurar suas conexões sinápticas em resposta a essas experiências emocionais e culturais. Assim, as adaptações cognitivas e emocionais do jovem imigrante ao construir uma nova narrativa identitária, ilustram a neuroplasticidade em ação, que se molda de acordo com as vivências passadas e a necessidade de ajuste a uma nova realidade, ao mesmo tempo em que lida com as marcas inconscientes que o afastam de sua verdadeira identidade.

2. Conteúdos divergentes:

Embora a extinção e a repressão sejam frequentemente consideradas conceitos adjacentes, eles se diferenciam substancialmente em seus processos e funções. Sob a ótica neurocientífica, a extinção refere-se ao fenômeno pelo qual uma memória diminui gradualmente sua carga emocional ou seu impacto comportamental. Este processo pode ser compreendido como uma forma de adaptação, onde a frequência da exposição a um estímulo anteriormente aversivo resulta na redução da resposta emocional associada (IZQUIERDO, 2018).

Uma jovem enfrentou situações de abuso de autoridade por parte de seus professores e bullying de seus colegas. Ao longo do tempo, a escola se tornou uma fonte significativa de angústia e ansiedade, a ponto de, mesmo após a mudança de instituição, seus comportamentos de evitação permaneceram. Entretanto, ao iniciar um processo gradual de enfrentamento, passou a reconfigurar a associação negativa entre a escola e a ansiedade.

Eu nunca pensei que um dia fosse conseguir voltar para a escola. Qualquer coisa relacionada a ela antes era um gatilho enorme para mim. Era suficiente para me deixar trancada no quarto por dias. Aos poucos fui aprendendo a enfrentar os meus reais medos para alcançar os meus objetivos, mesmo que isso me custasse esforços.

O comportamento consciente de aproximações sucessivas, possibilita adaptação e a diminuição da resposta emocional estressora, podendo também ser exemplificado pelo caso da mulher que não assinava papéis em público.

Depois que eu tive consciência de como isso me afetava, senti que precisava enfrentar meus pensamentos e me permitir a tentar, sem fugir. Então, no retorno do grupo terapêutico, me vi assinando a lista de presença mesmo com uma vontade grande de desistir. Depois disso, tomei a decisão de persistir, tentando de novo e de novo. Até que me dei conta de que não é tão difícil como imaginei. E, que difícil mesmo, é olhar para o que está dentro de mim. Afinal, no fundo eu sei que não é só sobre assinar...

Em vez de processar e confrontar essas memórias dolorosas, o mecanismo de repressão atuaria empurrando esses eventos para o inconsciente, protegendo o indivíduo do sofrimento imediato que essas lembranças poderiam causar. Essa dinâmica pode resultar em dificuldades emocionais e comportamentais, se manifestando em sintomas de ansiedade, depressão ou comportamentos de evitação sem uma clara compreensão de suas origens (PINHEIRO; HERZOG, 2017). Ou seja, ao ocultar memórias traumáticas, a capacidade do indivíduo de estabelecer relacionamentos saudáveis e lidar com situações cotidianas é comprometida, uma vez que as emoções subjacentes permanecem não resolvidas e influenciam o comportamento de maneira insidiosa (FREUD, 1915).

Dessa maneira, observa-se um contraste, onde a repressão, um conceito fundamental na psicanálise, se relaciona aos mecanismos inconscientes que "empurram" memórias traumáticas e dolorosas para fora da consciência, protegendo o indivíduo do sofrimento emocional. Ou seja, enquanto a extinção é um processo ativo de aprendizado e adaptação, a repressão age como um mecanismo defensivo, cuja função é preservar a integridade psíquica do sujeito. Essa diferenciação é crucial para compreensão de como as diferentes abordagens teóricas tratam a memória e o seu papel na construção da experiência subjetiva.

O que mais me incomoda é ter uma história inteira apagada da minha mente. Eu sei onde nasci, o nome da rua em que morei, a cidade. Mas, para mim, são informações vazias, pois não lembro de nada que vivi ali. Estranho, né? Sinto que pertencço, mas ao mesmo tempo, prefiro não pertencer. Ao não compartilhar com ninguém essas informações, eu sempre me refiro a França de uma maneira geral e nunca focado no lugar em que nasci. A sensação é que sou estrangeiro lá e aqui.

O exemplo ilustra a maneira como a repressão se manifesta na experiência de um indivíduo, que cuja memória está fragmentada e apagada. Sua recordação envolve apenas a presença dos dados básicos, como o local de nascimento e o nome da rua onde morou, mas essas informações se apresentam desprovidas de significado, configurando-se como "informações vazias". Sua história carrega um profundo sentimento de pertencimento, paradoxalmente acompanhado pela sensação de não pertencimento, refletindo uma luta interna entre a identidade e a desconexão.

A resistência em compartilhar detalhes sobre sua origem, revela que as memórias intensamente dolorosas são excluídas da consciência. Essa dinâmica motiva a sensação de ser estrangeiro tanto no seu país de origem quanto na nova terra, evidenciando como a repressão pode comprometer a capacidade de integrar experiências passadas à identidade atual e à vivência no presente. Da mesma maneira, é retratado pelo sentimento de inadequação enraizado na memória da jovem que vivenciou um histórico de reprovação e abandonos.

É difícil entender qual a dose de afeto que devo compartilhar em uma relação de amizade. Digo, por que vivo sempre com o sentimento de que falta algo, de que não sou boa o suficiente para usufruir da sensação de ter alguém ao lado e que preciso me doar sempre mais. Muito mais do sei e muito mais do que posso. Tenho a sensação de que posso ser descartável e isso, é aterrorizante.

Para a psicanálise, as memórias são vistas enquanto registros inconscientes que podem ser reconfigurados ao longo do tempo (FREUD, 1895). Por outro lado, na perspectiva neurocientífica, ela é um processo biológico que envolve consolidação sináptica e redes de neurônios específicos que se alteram com as experiências vividas (IZQUIERDO, 2018).

Sempre fui uma pessoa que não gostava de toques. E, eu tenho uma lembrança que para mim é algo muito claro, mas não faz sentido quando analiso a situação de forma racional. Sempre fui muito independente e introvertida, tinha um comportamento de tentar afastar todos os familiares que tentavam qualquer aproximação indevida. A ideia de me despir na frente de alguém era algo que desde muito nova me acompanha. Apesar disso, tenho

uma lembrança confusa de que um dia em que meu avô me deu banho. Parece algo comum, se não existisse o conflito entre a gente e a repulsa que é pensar nisso.

O relato ilustra o caso de um sujeito que apresenta aversão ao toque e experiências confusas relacionadas à infância, como a recordação de um banho recebido do avô. Embora essa memória seja clara, ela provoca um conflito interno, pois não se articula de maneira lógica quando analisada racionalmente pela paciente.

Para a psicanálise, essa lembrança difusa pode ser interpretada como a manifestação de uma memória dolorosa e desconfortável que foi empurrada ao inconsciente, influenciando, assim, o comportamento do indivíduo. Por outro lado, a abordagem neurocientífica consideraria a situação como uma possível falha no processo de consolidação ou recuperação da memória, refletindo as reconfigurações que ocorrem nas redes neurais em resposta às experiências vividas (IZQUIERDO, I., 2018).

Me lembro de quando eu estava na 8ª série, eu era uma garotinha magra, tinha um cabelo grande, crespo, sempre muito envergonhada, tentava me esconder a todo custo. Até que um dia, quando eu saía do banheiro da escola, um colega puxou o meu cabelo de forma agressiva e violenta, como muito brincadeira sem graça, gritando e rindo para chamar a atenção de quem estava por perto. Depois disso, passei a evitar sair da sala, ir ao banheiro ou sair para beber água, evitava até me olhar no espelho. Lembrar disso me faz entender o porquê sou assim... porque vivo me escondendo do mundo. É como se esses meus casacos com touca tivessem aquele poder de invisibilidade, sabe?

A história da paciente envolta em seu escudo de camuflagem exemplifica como a capacidade de evocar memórias passadas, ancoradas em uma fonte carga emocional e acessada através do contato com emoções semelhantes, possibilita o trabalho analítico de compreensão das raízes inconscientes que afetam o comportamento do sujeito, criando espaço para a elaboração e reinscrição de novos significados.

Para as neurociências, a memória de longo prazo envolve o armazenamento duradouro de informações, permitindo que experiências, conhecimentos e habilidades sejam acessados após longos períodos. permite o armazenamento de informações que podem ser recuperadas ao longo do tempo, funcionando como um "reservatório" para experiências

passadas e conhecimentos adquiridos (IZQUIERDO, I., 2018). No entanto, na psicanálise, o pré-consciente atua como um espaço de armazenamento temporário para pensamentos, lembranças e ideias, ele serve como um reservatório de informações que não estão ativamente na consciência, mas que podem ser facilmente acessadas e trazidas à tona quando necessário (RIBEIRO JÚNIOR, L. M.; SILVA, E. G. D., 2021).

A diferença entre as duas abordagens destaca não apenas o tempo de armazenamento das informações, mas também as estruturas cerebrais envolvidas no processo de memória, evidenciando a singularidade de cada perspectiva. Apesar das distinções teóricas, é importante notar que todos esses processos ocorrem de maneira articulada, integrando funções orgânicas e mecanismos psíquicos. É a partir dessa articulação que se torna possível a evocação de lembranças passadas, especialmente aquelas da infância, que podem ser verbalizadas e projetadas, como ilustrado pela metáfora do "baú" mencionada por um paciente:

Eu chego na sessão e parece que a minha mente é um papel em branco. Percebo que quanto mais eu falo, as coisas vão surgindo na minha mente. Algo que eu nunca havia percebido antes, e que jamais imaginei que lembraria, emerge à superfície. É estranho, mas é como se eu estivesse projetando um filme com fragmentos resgatados de um baú esquecido, sabe?

Assim como os detalhes da infância acessados de maneira saudosa por uma jovem senhora:

Eu era uma criança que não tinha medo de nada, era arredia, grossa, não deixava nada barato. A minha mãe na época já não sabia como me castigar, então, ela buscava tirar de mim o que eu mais gostasse. Teve um dia, por exemplo, que eu estava colecionando as bolinhas de gude que ganhava nas partidas de rua, aí aconteceu alguma situação na escola que precisaram chamar os meus pais. Eu lembro que quando cheguei em casa, minha mãe saiu distribuindo as minhas bolinhas de gude para as crianças do bairro. Aquilo me marcou tanto que lembro como se fosse ontem.

Essa experiência pode ilustrar o conceito psicanalítico de pré-consciente, onde lembranças que não estão ativamente na consciência podem ser acessadas e trazidas à tona através da reflexão e do discurso. A lembrança da distribuição das bolinhas de gude, que marcou a infância, demonstra como memórias significativas podem permanecer latentes e, ainda assim, influenciar o comportamento e as emoções ao longo do tempo. Sob a perspectiva da memória de longo prazo, essa vivência é um exemplo de como informações emocionais são armazenadas de forma duradoura, permitindo que eventos significativos sejam recuperados após anos.

3. Conteúdos específicos:

Dado que as duas disciplinas possuem objetos de estudo distintos, destacam-se aqui conceitos específicos que caracterizam cada abordagem, atravessando o tema da memória em suas respectivas perspectivas teóricas. O conceito de transferência na psicanálise refere-se à projeção de sentimentos inconscientes do paciente sobre o terapeuta. Esse fenômeno desempenha papel central na evocação de memórias durante o processo analítico, permitindo que conflitos, vínculos emocionais e afetos reprimidos sejam revividos no setting terapêutico, dentro da relação analítica (FREUD, S., 1912).

Eu pensei diversas vezes se devia ficar e seguir com o processo ou simplesmente desistir porque já não acredito em mais nada. Mas, eu preciso ser sincera com você e confessar que a sua voz calma me faz lembrar de alguma maneira a minha avó. Coisa que no início me deixava com muita raiva, com essa vontade louca de desistir. Mas, sei que é justamente por isso que eu sempre faço questão de continuar.

A paciente confessa que a voz calma do analista evoca lembranças de sua avó. Esse fragmento destaca uma transferência positiva, onde a paciente desloca os sentimentos experimentados com uma figura do passado para o analista, permitindo que uma memória afetiva seja evocada no presente.

A transferência é o veículo que possibilita o acesso a memórias que estão latentes e guardadas no inconsciente, trazendo-as à superfície de forma simbólica. Assim como

pode evocar sentimentos positivos, ela também emerge de maneira negativa (FREUD, S., 1912).

Eu espero que você não se importe, mas eu preciso dizer que toda vez que você fica em silêncio por um tempo, eu sinto um aperto no peito, como se estivesse esperando que você fosse me criticar. A sensação que tenho é que você está apenas esperando uma chance para me dizer que eu sou insuficiente, que eu nunca vou ser boa o bastante. Na minha cabeça eu sei que isso não faz sentido e que não é verdade, até porque você não disse nada parecido. E, sinceramente? A raiva que sinto de você é como se fosse minha mãe.

Neste caso, a transferência assume um caráter negativo ou ambivalente, em que a paciente projeta no analista uma dinâmica emocional complexa, marcado por sentimentos de inadequação, possivelmente relacionada a memórias de experiências dolorosas com a mãe. Esse processo permite que memórias inconscientes ligadas à figura materna sejam reativadas e reinterpretadas no contexto terapêutico.

Em contraste, as neurociências não apresentam nenhum conceito equivalente ao de transferência, uma vez que seu objeto de estudo envolve o mapeamento de redes neurais e a compreensão dos processos de codificação, armazenamento e acesso a memória. Dessa maneira, considerando o fragmento citado, as neurociências analisariam a ativação de redes neurais associadas a figuras de apego - como a mãe ou a avó – relacionando-as à reativação de memórias emocionais armazenadas no hipocampo e na amígdala, áreas responsáveis pela consolidação e recuperação de memórias afetivas.

O sonho, para Freud (1900) é uma via privilegiada de recuperação de memórias ou desejos reprimidos, operando como uma forma simbólica de expressão do inconsciente.

Essa noite eu tive um sonho estranho. Eu estava em um enterro, todos pareciam de luto e eu, por mais triste que estivesse, só queria sair dali, queria ir embora, mas parecia que era eterno sabe? Aquilo parecia me angustiar de um jeito que nem sei explicar. Até que chegou um momento que as pessoas viraram sombras, mas ainda eram pessoas. Quando acordei, parecia que o coração ia sair pela boca. O mais engraçado dessa história, é que na parede do meu quarto tem uma foto gigante da minha avó, o que me fez refletir o dia

todo sobre, mesmo que ainda não tenha entendido, sinto que faz sentido de alguma maneira.

O relato ilustra como o sonho pode evocar memória reprimida ou fantasiosas, neste caso, de uma figura fraterna, nunca experimentada. Embora não a conhecesse, sua imagem era constantemente reforçada através das memórias construídas (fotografias, bibliografias, músicas), criando uma figura idealizada. Esse tipo de "luto fantasioso" exemplifica a maneira pelo qual o inconsciente lida com a ausência ou perda, criando uma narrativa que preencha o vazio deixado por alguém que, embora nunca tenha sido realmente vivenciado, adquire significados emocionais profundos.

Na perspectiva neurocientífica, contudo, o conceito de inconsciente não é considerado. As neurociências tratam a memória com base em classificações funcionais como o tempo de armazenamento e os tipos de conteúdo. Nesse sentido, outros conceitos específicos podem ser destacados é o de memória operacional, também conhecida como memória de trabalho, que se refere ao sistema que permite a retenção temporária e manipulação ativa de informações (IZQUIERDO, I., 2018). De natureza efêmera, essa memória permite que as informações das frases lidas neste trecho sejam temporariamente retidas na mente até o final da leitura, possibilitando a compreensão geral do conteúdo escrito (GENOVA, L., 2021).

Os conteúdos específicos evidenciam que o distanciamento entre as duas abordagens é percebido no sentido que: a psicanálise se dedica à exploração dos movimentos não-lineares e simbólicos da memória para promover a elaboração e o cuidado do sujeito, enquanto as neurociências, investigam os mecanismos cerebrais funcionais responsáveis pelo processamento, consolidação e recuperação das memórias. Essas diferenças refletem as particularidades do campo de atuação de cada.

CONCLUSÃO

A articulação teórico-metodológica sobre a memória sugere certa complementariedade entre os dois campos de conhecimento, na medida em que se constatou que os conteúdos convergentes prevaleceram; quantitativamente e qualitativamente. Assim, conteúdos relevantes para a prática clínica no campo da saúde foram constatados, promovendo um entendimento sobre a memória a partir das perspectivas psicanalítica e neurocientífica.

- Implicações clínicas na pesquisa:
 1. Promover a interlocução entre intervenções terapêuticas focadas no fenômeno da memória;
 2. Ampliar o campo de atendimento psicanalítico com foco em pacientes com alterações neurológicas;
 3. Incentivar a discussão multidisciplinar entre as disciplinas em prol da integralidade no cuidado do sujeito assentada na indissociabilidade entre o corpo e mente.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, L. A. Psicanálise e neurociências: as pulsões e o psicossoma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 53, n. 2, p. 141-158, 2019
- AYUB, J. P. J.L. Borges and the tragedy of infinite duration: an essay on memory based on Freudian metapsychology. v. 28, 2020.
- BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARDEE, Michael A. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017
- BOCCHI, J. C. A recepção de Freud e da psicanálise no contexto das neurociências cognitivas: das sinapses de Eric Kandel ao sujeito corporal de António Damásio. v. 06, 2021.
- BOCCHI, J. C.; VIANA, M. D. B. Freud, as neurociências e uma teoria da memória. **Psicologia USP**, v. 23, n. 3, p. 481–502, 2012.
- CÂNDIDO, C. *Experiência e complexidade cerebral: entre a psicanálise e as ciências cognitivas*. 2009.
- CASTELHANO, M. V. C.; CAVALCANTI, R. J. M.; MARANHÃO, G. G. O aparelho psíquico e as indicações estruturais: um diálogo entre a psicanálise e as neurociências. v. 14, 2023.
- CHAVES, E. Memória, patologia e terapia: em torno de Paul Ricouer e Freud. v. 11, 2008.
- DA COSTA TROTTA, F. **O afeto entre a psicanálise e as neurociências**. Doutor em psicologia—Rio de Janeiro, Brazil: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, 6 abr. 2015.
- ENDO, P. C. Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz. 2018.
- FERREIRA, Yonã Freire et al. A relação entre a neurociência e a psicanálise: uma reflexão teórica. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, Aracaju, v. 5, n. 3, p. 61-68, out. 2019.
- FRANK, J.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 1, p. 35–47, 2006.
- FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Trad. de L. A. Hanns et al. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obra originalmente publicada em 1900).
- FREUD, S. **Lápso, Esquecimento e Repressão**. In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. L. A. Hanns et al. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obra originalmente publicada em 1915).

FREUD, S. **Projeto de uma Psicologia**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 1, p. 347-445. (Obra originalmente publicada em 1895).

FREUD, S. **Pulsões e destinos de pulsão**. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. L. A. Hanns et al. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. (Obra originalmente publicada em 1915).

FREUD, S. **Sobre a Transferência**. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. L. A. Hanns et al. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obra originalmente publicada em 1912).

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 3a. ed ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

GENOVA, L. Memória: a ciência da lembrança e a arte do esquecer; tradução de Camila von Holderfer. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2021.

GOELLNER, A. Psicanálise e neurociência: um diálogo (im)possível? Revista CEPdePA, v. 27, 2020.

GRANWELL, L.; SOLMS, M. **Da neurologia à psicanálise: desenhos neurológicos e diagramas da mente por Sigmund Freud**. Organização/Tradução: Jassanan Amoroso Dias Pastore e Márcia Dancini. São Paulo: Iluminuras, 2008.

IMBASCIATI, A. Inconsciente e consciência da memória: uma contribuição das neurociências. Revista de Psicanálise da SPPA, Milão, v. 25, n. 2, p. 355-377, ago. 2018.

IZQUIERDO, I. **Arte de esquecer: Cérebro e memória**. [s.l.] Vieira E Lent, 2010.

IZQUIERDO, I. et al. The evidence for hippocampal long-term potentiation as a basis of memory for simple tasks. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 80, n. 1, p. 115–127, mar. 2008.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

MADEIRA, M. O. M.; JORGE, M. A. C. Co(rpo)memoração: fixação e regressão a traços de memória deixados no corpo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 25, n. 3, p. 597–618, set. 2022.

MANTILLA, M. J. Psicanálise e neurociências: contornos difusos? Notas em torno da noção de plasticidade cerebral. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, n. suppl 1, p. 143–155, 2017.

MOURÃO JÚNIOR, C. A.; FARIA, N. C. Memória. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 4, p. 780–788, dez. 2015.

NASCIMENTO, A. R. Da invenção da memória às memórias inventadas. 2012.

PINHEIRO, E.; HERZOG, R. Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis? **Tempo Psicanalítico**, v. 49, 2017.

PITAGORAS FREITAS LIMA FERRARINI, P.; ROCHA MAGALHÃES, L. D. O conceito de memória na obra freudiana: Breves explicações. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 5, n. 1, p. 109, 11 ago. 2014.

RIBEIRO JÚNIOR, L. M.; SILVA, E. G. D. Os CAMINHOS DA MEMÓRIA EM FREUD: traço, rearranjo, tradução e índice. **Diálogos Pertinentes**, v. 17, n. 1, p. 68–91, 12 ago. 2021.

SILVEIRA, L. Desejo e passado: observações sobre a tensão entre memória e rememoração na psicanálise freudiana. v. 1, n. 2, 2013.

SOLLERO-DE-CAMPOS, F. Algumas observações sobre o não verbal: neurociência da memória e clínica psicanalítica. 2009.

SOUSSUMI, Y. Tentativa de integração entre algumas concepções básicas da psicanálise e da neurociência. **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 1, p. 63–82, 2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ; GERBASI, G. L. B. S., G. L. B. S.; COSTA, P. J, P. J. D. As transformações da memória: articulações entre Sigmund Freud e Eric Kandel (As transformações da memória). **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 33, n. 1, p. 77–89, 4 fev. 2015.